

CAPAS E ENCARTES PEDAGÓGICOS DA REVISTA DO ENSINO DO RS: O QUE DIZEM SOBRE ELES QUATRO PROFESSORAS PRIMÁRIAS?

PEDAGOGICAL COVERS AND PULLOUT OF THE TEACHING MAGAZINE AT RS: WHAT FOUR PRIMARY TEACHERS SAY ABOUT THEM?

LUIZ HENRIQUE FERRAZ PEREIRA*

ALINE REISSUY DE MORAES**

ARIELI DOS SANTOS***

MELINA NYMANN DOS SANTOS****

RESUMO

O presente trabalho busca trazer elementos, através dos depoimentos de quatro professoras primárias do estado do Rio Grande do Sul, onde em suas declarações, ilustram como as capas e encartes pedagógicos da Revista do Ensino (RE) do mesmo estado, foram utilizados ou se vincularam as suas práticas na escola primária. Os depoimentos trazidos são recortes de uma atividade maior, mas por fazerem referências a um mesmo referencial, a RE - RS, foi merecedor de atenção e associação. Ao término do trabalho é possível intuir, além do alcance da RE, como a mesma através das suas capas e também dos seus encartes pedagógicos manteve relação com a dinâmica das aulas das professoras ouvidas e ilustra um pouco de suas vivências e ações junto ao ensino primário.

Palavras-chave: Revista do Ensino. Recursos didáticos. Professoras primárias. História da Educação Matemática.

ABSTRACT

The present work searches to bring elements through testimonies of four primary teachers from Rio Grande do Sul State, where in yours statements, they illustrate like covers and pullout pedagogical from teaching magazine (RE) of same state, they were used or linked their practices in primary school. The statements brought are clipping of the larger activity, but they make references the same referential, the teaching magazine (RE)-RS deserved attention and association. In the end this work is possible to know beyond the scope of teaching magazine (RE) like the same pedagogical covers and pullout maintain relationship with the dynamics of the teachers classes heard and it illustrates a little their experiences and actions with primary education.

Keywords: Teaching Magazine. Didactic Resources. Primary Teachers. History Mathematics Education.

* Doutor e professor do Programa em Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade de Passo Fundo - UPF, Passo Fundo, RS. E-mail: lhp@upf.br. Orcid: 0000-0002-7787-2849

** Mestre em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade de Passo Fundo - E-mail: 149622@upf.br. Orcid: 0000-0001-7249-4052

*** Mestranda do Programa de Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade de Passo Fundo - E-mail: 91992 @upf.br. Orcid: 0000-0002-5552-4691

**** Mestra em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade de Passo Fundo - E-mail: 135599 @upf.br. Orcid: 0000-0002-5415-2347
1 Abbreviation of Revista de Ensino no portuguese.

INTRODUÇÃO

A escola, por ser uma das instituições onde, entre outras coisas, busca-se o acesso às muitas faces do conhecimento e a assimilação deles por seus frequentadores, faz com que a busca de estratégias ou ações com esta intenção seja uma constante. Em Matemática não é diferente e para tanto a busca por recursos didáticos para seu ensino é muito comum. Neste texto, considera-se recurso didático como “todo material utilizado como auxílio no ensino-aprendizagem do conteúdo proposto para ser aplicado pelo professor a seus alunos”. (SOUZA, 2007, p. 111). Os recursos didáticos a serem utilizados para ensinar matemática em muito podem dinamizar essa função da escola no que tange à assimilação dos conteúdos matemáticos ensinados.

Nessa perspectiva, a atenção para com elementos de natureza didática para o ensino não é recente. Comenius², no século XVI, em sua obra *Didáctica Magna*, de 1649; no século XVII, quando da criação da lousa pelos lassalistas; todo o aparato de artefatos produzidos para ensinar quando do Ensino Mútuo³ aliado às propostas de ensino primário de Froebel⁴ (1782-1852) ou de Montessori⁵ (1870-1952) são exemplos, em diferentes momentos da história, com os quais é possível ilustrar um pensamento sobre o ensino com uma preocupação mais acentuada em se operacionalizar e efetivamente utilizar recursos didáticos com a intenção de melhor ensinar diferentes conteúdos a diferentes alunos.

Não obstante essas observações, julgamos interessante penetrar na história da Educação Matemática, em especial no Brasil, para perceber e buscar como professores e professoras, em diferentes momentos, procuraram, através de recursos didáticos, alternativas pedagógicas para levar seus alunos à assimilação de ideias e conceitos matemáticos dos mais variados.

Associa-se a essas considerações um projeto desenvolvido com alunos da Pós-Graduação em Matemática da Universidade de Passo Fundo/RS, na disciplina de História da Matemática. Uma das ações do referido projeto constituía na busca de testemunhos e narrativas de professores e professoras de diferentes épocas - que pudessem ser localizados -, sobre suas lembranças envolvendo a docência e, em especial, sobre o ensino de Matemática. Tal atividade caracterizava-se por um exercício da prática da metodologia da pesquisa de História Oral, pois, de acordo com David (2013, p. 160):

A História Oral nos auxilia a compreender a possibilidade de múltiplas narrativas e que indica que não há uma verdade única e que, em decorrência da sociedade ser composta por vários grupos sociais participantes concomitantemente de um mesmo período ou evento histórico, cada qual terá uma visão de mundo, uma experiência de vida que compõe o todo.

Assim, na realização da atividade proposta, os alunos empenharam-se na busca por diferentes narrativas para posterior socialização com os demais colegas e o professor da disciplina. Detemo-nos

2 João Arnos Komensky, conhecido por seu nome latinizado de Comenius (1592 - 1670) autor da obra *Didactica Magna* onde, entre outras considerações, propõe que o ensino deveria acontecer do concreto para o abstrato, afirmando que o conhecimento começa pelos sentidos e que somente se aprende fazendo.

3 Tem origem na Inglaterra no final do século XVIII; posteriormente adotado na França e outros países europeus. Chega nos países da América Latina na primeira metade do século XIX. No ensino ou método mútuo o agente de ensino é o aluno, ou seja, o mais capaz agindo como professor ensina àquele menos capaz. Ver mais em: Bastos e Faria Filho, 1999.

4 Friedrich Wilhelm August Froebel (1782 - 1852), é considerado o criador do jardim de infância e como tal propõe uma série de ações para ensinar às crianças. Ver Bastos, 2001.

5 Maria Montessori (1870 - 1952). Médica identificada com deficientes mentais no qual percebeu, junto ao ensino destes, elementos a serem possíveis de levar à escola. Idealizadora de um modelo educacional onde o manuseio de material pedagógico é como um processo que corresponde às operações mentais. Ver Montessori, 2005.

às práticas docentes dos entrevistados na concepção de Rezende (s.d.), ao considerar tal prática como História Oral Temática, ou seja, aquela realizada sobre um grupo de pessoas sobre um determinado evento ou movimento vivido por todos (o exercício do magistério) e que tem a possibilidade de trazer perspectivas individuais de sujeitos inseridos em um mesmo contexto.

Dessa forma, foi trazida, para a sala de aula da disciplina de História da Matemática, uma série de depoimentos que davam conta dessas especulações, bem como relatavam muito a vida dos professores e professoras que contribuíram com suas falas sobre o exercício do magistério. Vários aspectos foram apontados e, instigados pelos alunos entrevistadores, diferentes faces do trabalho em sala de aula foram sendo revelados nos depoimentos. Apontamos, como exemplificação, questões envolvendo a profissionalização do trabalho, as dificuldades em estudar - principalmente as professoras, em função do casamento, da constituição de família ou mesmo o fato que para estudar era preciso morar fora de casa e isso não era visto com “bons olhos” pelos pais, além dos custos que isso acarretaria; a questão salarial, as condições das escolas, as hierarquias e o respeito às normas e aos procedimentos nas escolas e, no que vem contribuir a este trabalho, a descrição e as referências dadas ao uso de recursos e materiais didáticos para o ensino de diferentes conteúdos, também da Matemática.

Nesse sentido, frente ao material catalogado, dar-se-á ênfase ao depoimento de quatro professoras, todas do ensino primário, que tiveram suas formações e exerceram o magistério entre os anos de 1960 e 1980. A intenção é que esse recorte - como será descrito a seguir, pelo fato de que eles apontaram elementos comuns às professoras no que se refere ao uso de recursos didáticos para o ensino de diferentes conteúdos, inclusive os de Matemática - possa evidenciar práticas na ação de ensinar dessas profissionais.

QUATRO PROFESSORAS PRIMÁRIAS: HISTÓRIAS DE VIDA E DOCÊNCIA

Como referendado anteriormente, o recorte deste trabalho dar-se-á tendo como base os depoimentos de quatro professoras primárias que tiveram suas formações e exercício profissional entre o início dos anos de 1960 e final dos anos da década 1980⁶.

As professoras em questão foram denominadas de Professora 1, Professora 2, Professora 3 e Professora 4. Esse acordo - de não identificar o nome associado aos depoimentos - foi conveniado com todos os professores entrevistados para manter o anonimato e deixar suas falas mais espontâneas, sem riscos de identificação, já que muitos dos entrevistados manifestaram certo receio em fazer referência a datas, locais e nomes que lhe viam à mente. Essa categorização evidenciava a intenção do grupo de pesquisa em analisar os discursos proferidos sobre práticas docentes para ensinar, mais do que denominar outras pessoas e locais envolvidos nos relatos. Embora o trabalho com História Oral o contexto da trajetória das entrevistadas fosse importante, percebíamos que esta perspectiva melindrava as mesmas em suas falas, justificando então nossa opção por esta convenção do anonimato dos nomes das professoras e não trazer a este trabalho maiores considerações sobre o contexto vivenciado pelas entrevistadas enquanto professoras primárias.

As entrevistas, após o entrevistado entender a proposta de trabalho da pesquisa e concordar em fazer suas declarações, foram feitas por meio de questões semiestruturadas, as quais, frente às lembranças que eram trazidas, suscitavam outros questionamentos, predominando, de forma geral,

⁶ As professoras entrevistadas não possuíam vínculos entre si, duas delas cursaram o Curso Normal em Passo Fundo, mas em escolas diferentes e, as outras duas, fizeram sua formação em outras cidades e escolas. Todas exerceram sua docência em escolas públicas até a aposentadoria.

em uma conversa informal com muito mais elementos do que inicialmente se buscava conhecer. Todas as falas foram gravadas e posteriormente transcritas. Num momento seguinte, levadas para leitura do entrevistado, para sua aprovação do que tínhamos registrado, bem como possíveis alterações. Somente após essa aprovação é que as transcrições foram arquivadas, por entrevistado e com seu respectivo número de identificação, bem como a data da realização da entrevista.

Os recortes de depoimentos aqui trazidos e suas considerações foram feitas por quatro professoras, a saber:

Professora 1 - Morava no interior do município e foi alfabetizada pela avó para poder ajudar no pequeno comércio da família e, por isso, “era bom saber ler e fazer contas”. Casou muito cedo e veio para a cidade, onde “o marido a deixou estudar”. Fez então o curso Normal entre os anos de 1956 e 1958 e, tão logo o terminou, já começou a lecionar.

Professora 2 - Também nascida no interior do município, mas veio com a família, muito pequena ainda, morar na cidade. Por insistência da mãe, fez o curso Normal. Não se casou nem teve filhos. Da mesma forma que a Professora 1, tão logo se formou, já iniciou seu trabalho como professora primária.

Professora 3 - Relatou que, desde muito pequena, juntava os irmãos mais novos e outras crianças para dar aula, escrevendo com uma vara no chão de terra no pátio da casa onde morava. Assim, descobriu que ser professora era sua vocação. Cursou o Normal e, posteriormente, a faculdade de Pedagogia.

Professora 4 - Filha mais nova de uma família de dez irmãos. Todos começaram a trabalhar muito cedo para ajudar no sustento da família. Ser professora, para ela, era uma alternativa de ter uma profissão e poder também ajudar em casa. Já dava aulas no interior no município mesmo durante o período em que cursava o Curso Normal.

As falas das professoras elencadas acima com referência a suas práticas docentes e dos recursos didáticos que utilizavam para ensinar Matemática chamaram a atenção pelo fato de todas elas fazerem referências à Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (RE/RS)⁷, pelo uso que dela faziam ainda quando alunas do Curso Normal, bem como depois de formadas e no efetivo exercício de suas profissões.

A RE/RS possuiu importância na história da educação gaúcha, em muito por sua contribuição ao ensino de diferentes disciplinas e também no que tange à produção e à divulgação de recursos didáticos para uso em sala de aula, já que tal publicação é considerada Imprensa Pedagógica (CASPARD apud CATANI; BASTOS, 1997).

Por outro lado, Nóvoa (1993) trata publicações como a RE/RS não como exemplo de imprensa pedagógica, já que suas páginas não se limitam somente a orientações de natureza pedagógica. Trata de chamar tais periódicos de “*imprensa de educação e ensino*”, uma vez que elas tinham a intencionalidade de orientar a prática do trabalho docente das professoras primárias, no caso, oferecendo-lhes uma gama de subsídios tais como informações sobre o programa oficial de ensino, a essência pedagógica do trabalho da professora e, não menos importante, elementos a pontuar a conduta didática em sala de aula quando do ensino de diferentes disciplinas.

Apesar disso, entendemos ser importante considerar Fernandes (2008, p. 16), ao afirmar que:

os periódicos ligados aos professores podem ser entendidos como núcleos de informação, já que mostram maneiras de produzir e difundir discursos. Há que se ter

⁷ Publicação que circulou a partir do Rio Grande do Sul destinado a professoras primárias e posteriormente a professores do primeiro grau. Sua primeira edição consta de 1951 e encerramento das publicações no ano de 1978. Mais dados sobre a RE, ver Pereira 2010.

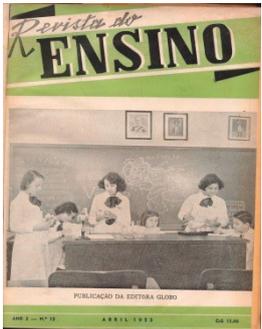
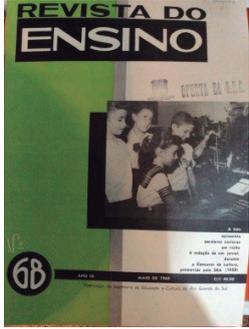
cuidado para não cair na tentação de supor que ali se encontra a história verdadeira, “o que realmente aconteceu”; contudo, é inegável que as notícias, os artigos dirigidos aos professores e as polêmicas subsequentes ajudam a configurar um painel mais vivo e revelador das ações dos personagens diretamente envolvidos naquelas questões e das ações que lhes dão sustentação.

Assim, associando-se a essa ideia, trazer o depoimento de professoras que utilizaram esse periódico pode nos fazer perceber, por meio de suas falas, como a RE/RS contribuiu às suas práticas e em especial, em função dos depoimentos das entrevistadas, pelas *capas da Revista*⁸ e os *encartes pedagógicos*. Sobre eles serão feitas a seguir algumas considerações.

AS CAPAS DA RE: SUGESTÕES E INSPIRAÇÕES

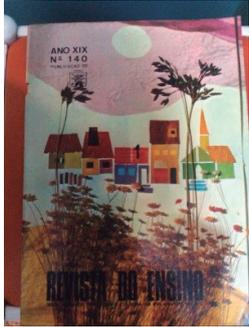
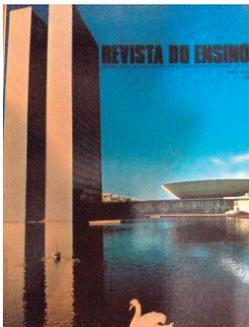
As capas da Revista do Ensino (RE) tinham um tamanho grande, 26 cm x 19 cm, e como tal permitiam que elas fossem exploradas para diferentes composições e espelhassem as intenções de divulgar o novo e o moderno em matéria de ensino, o que eram algumas metas da publicação (PE-REIRA, 2010). Suas capas podem ser categorizadas da seguinte forma:

Quadro 1 - Capas das Revistas do Ensino/RS⁹

Edição - Período	Característica	Exemplo de capa
1 ao 66 1951-1960	Sua composição tinha uma imagem (fotografia) do dia a dia da escola, sendo descrita através de um comentário no interior da Revista com o nome “Nossa Capa”.	 Edição de abril de 1953
67-107 1960 - 1966	As capas se apresentam com uma arte mais elaborada, bem como o nome do periódico aparece em destaque.	 Edição de maio de 1960

⁸ Embora as capas da RE/RS não tivessem uma intencionalidade de ser recurso didático para seus leitores, neste trabalho, em função dos depoimentos apresentados, evidencia-se que, na prática, muitas capas serviram a esse propósito por parte das professoras entrevistadas.

⁹ Quadro elaborado a partir das ideias de Bastos, Lemos e Busnello, 2007.

<p>108-161 1966-1975</p>	<p>Caracterizava-se por composições gráficas sem maiores vinculações, pelo ponto de vista de suas representações, com as características da Revista, com abundante uso de cores e composição da RE.</p>	 <p>Edição de maio de 1970</p>
<p>162 - 178 1975 - 1978</p>	<p>Voltam a ter fotografias coloridas. Mas agora de imagens do Brasil.</p>	 <p>Edição de maio de 1976</p>

Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

As capas da RE, no testemunho das professoras entrevistadas, mostravam-se como grande referência do “certo” a ser feito em sala de aula; as imagens das capas suscitavam suposições de uma possível prática didática, instigava possíveis orientações de conduta, como bem ilustram estas colocações:

Professora 3 - Ao ver a capa da revista (RE) eu ficava imaginando como é que a professora daquelas crianças conseguia ter a atenção e o envolvimento delas nas atividades. Os alunos eram tão mais ‘arrumadinhos’ e inteligentes que os meus. Parece até bobagem isso, que eu pensasse assim, mas era isso que despertava em mim, quando via as capas da revista, principalmente das edições mais antigas que tinham na biblioteca da escola. Nossa! Como eu queria fazer meus alunos agirem como parecia que agiam aqueles das fotos!

Professora 2 - Quando eu recebia a revista (RE), pois, depois que comecei a trabalhar, fiz a assinatura dela, as capas me faziam sonhar em levar meus alunos para viajarem até a capital, visitar museus, construir um laboratório na escola, não só de ciências, mas com material de matemática, para poder ensinar a eles a tabuada e tudo mais que dava gosto de ver que as crianças da revista estavam fazendo. Mas fazer como? Era uma escola pobre e só tínhamos o básico para trabalhar. Mostrava as capas para as crianças e dizia a elas que um dia teríamos uma escola como aquela [ilustrada nas capas], e que eles deviam estudar para ser alguém na vida.

São considerações que exemplificam muito do que já afirmava Fabris (1998, p. 36): “A fotografia cria uma visão de mundo, molda um imaginário novo”, e como tal despertava na professora sua intenção de agir diferente em sala de aula:

Professora 1 - Eu via na capa as crianças sorridentes. Pensava: só pode que aprenderam com prazer o conteúdo. Quero fazer o mesmo. Mas como? Não lembro mais, exatamente, o que fazia, mas eu buscava construir diferentes atividades para que meus alunos aprendessem. Se os da revista podiam, porque os meus não? Em matemática os fazia desenharem, recortarem, colarem, contar botões, cortar sabão, medir a sala de aula, enfim, tudo que eu imaginava que era feito pela professora dos alunos que eu via na capa da revista e que, eu não sei como, acreditava que sabiam mais que os meus...

Entendemos que tais depoimento nos intui a pensar que as capas da RE construíam um mundo de interpretações e despertavam nas professoras uma disposição desafiadora para buscarem, em seus universos de interações, formas e materiais que, de alguma forma, pudessem fazer seus alunos aprenderem tanto como elas supunham que sabiam os alunos sorridentes que apareciam nas capas do periódico em questão, pois é possível situar os “periódicos como lugar de expressão e veiculação não somente de ideias pedagógicas, mas, também de padrões de comportamento e atitudes”. (VILLANOVA, 2008, p.75). Complementamos essa ideia com o seguinte testemunho:

Professora 4 - Lá onde eu comecei a dar aula não tinha nada para nos ajudar a ensinar. Nem quadro para escrever. Tanto eu, como as crianças, éramos muito pobres. As revistas eu pegava emprestada na escola ou com as minhas professoras e ficava olhando as fotos das capas. Eu não tinha alunos com uniforme. Alguns nem calçado tinham. Mas eu acreditava que eles podiam aprender e essa era minha função. Eu precisava ensinar meus alunos. As capas me faziam sonhar e desejar ensinar com qualidade. Quem sabe, um dia, pensava eu, não estaremos, eu e meus alunos, numa destas capas? [...]. Como eram filhos de agricultores usava muito grão de feijão, arroz, milho e pipoca para ensinar tabuada e as continhas [...]. Isso não aparecia na revista [...], era a minha diferença.

As capas da RE, no universo de percepções despertadas, ilustradas pelas falas das professoras acima, vêm ao encontro da percepção de Louro (2004, p. 455) ao afirmar que “[...] constitui como que um ‘programa’ que fala aos sujeitos, que lhes diz como ser ou como agir, enfim que acaba por instituir, em sua materialidade, um sistema de valores, como ordem, disciplina e vigilância”. São depoimentos que compreendemos terem sido suscitadas pelo imaginário despertado pelas capas, sendo que tal despertar estimulou a busca por recursos didáticos que pudessem fazer os alunos dessas professoras - “alunos reais” - tornarem-se tão capazes e conhecedores como supunham ser os alunos ilustrados nas fotos estampadas pelas capas da RE.

ENCARTES PEDAGÓGICOS: MATERIAIS PARA ENSINO E RECORTE

Os encartes pedagógicos foram suplementos publicados com a RE/RS que surgiram desde o nº 4 da revista, em março de 1952, e estenderam-se até praticamente as últimas edições. Eram encartados junto às revistas, mas de forma avulsa, podendo ser usados como bem desejasse a professora, embora alguns, em seu verso, traziam sugestões da equipe responsável pela publicação, de como usar o referido material.

Eram quadros para uso em sala de aula que, de forma geral, tinham tamanho de 44cm por 37cm, na sua grande maioria coloridos, com especial cuidado pelo acabamento gráfico, mesmo em uma

época em que os recursos de impressão não eram tão aprimorados como os de hoje. Contemplavam diversos temas e áreas do conhecimento. De matemática, a princípio, foram três encartes localizados¹⁰.

No ano de 1960, tais suplementos sofrem alteração no tamanho, passando para dimensões de 80cm por 107cm, mantendo a qualidade e o aprimoramento gráficos já característicos do material. Dos encartes de Matemática temos os

Figura 1 - Encarte “Material didático para as classes do curso primário nº.19”



Fonte: Arquivo dos autores

Em seu verso há o título: Sugestões para o aproveitamento desse suplemento e suas orientações são “O material apresentado neste Suplemento tem por objetivo o Ensino da Matemática, além do seu objetivo usual para a Linguagem.”

Traz também: “Objetivo Especial: levar a criança à fixação do conceito de correspondência unívoca.” Junto a estas informações também orienta para o preparo do material ao orientar:

Recorte as fichas e as figurinhas apresentadas neste Suplemento, para colá-las sobre cartolina. Técnica de aplicação: Apresentando as fichas e as figurinhas recortadas às crianças faça-as observar a correspondência entre conjuntos (1 sorvete para 1 menino e 1 menino para 1 sorvete, por ex.). Feito esta observação, distribua as fichas e as figurinhas entre as crianças para que elas estabeleçam a

¹⁰ Os números dos encartes não seguiram o mesmo número das revistas, sendo que o título dos encartes era publicado em volumes chamados de Índices Cumulativos que traziam também o título de todos os textos publicados nas revistas, mas não especificava à qual número da revista estava vinculado o respectivo encarte. Como também não é sabido quantos desses Índices foram publicados, até o momento foram localizado cinco deles, e com base neles é que se tem a estimativa do número de encartes que trataram de Matemática. Material localizado para o trabalho de Pereira (2010)

correspondência adequada. Para tornar o exercício mais atraente, a professora poderá dividir a classe em grupos, chamando, alternadamente, um representante dos mesmos por cada vez.

Figura 2 - “Material Didático para as classes do Curso Primário nº. 20.”



Fonte: Arquivo dos autores

Em seu verso estampa: EXERCÍCIO DE MATEMÁTICA. OBJETIVO ESPECIAL - Levar a criança à abstração do número.

Seguem orientações de como usar cada uma das quatro partes em que pode ser separado o material.

Figura 3 - “Material Didático para as classes do Curso Primário nº. 25”.



Fonte: Arquivo dos autores

No verso traz seu objetivo: “dar a criança oportunidade de contar racionalmente.”.

Orienta que o suplemento deve ser colado sobre cartolina e, tendo as linhas pontilhadas como referência, as fichas e figuras devem ser recortadas.

Acreditamos que, por si só, os encartes já impactam pela intencionalidade de serem recursos didáticos para o ensino de diferentes disciplinas, em conformidade com as políticas do CPOE/RS, editor da RE/RS. Políticas estas, entre outras metas, de profissionalização da professora primária e fornecimento de subsídios para o trabalho em sala de aula. (QUADROS, 2006). Eles constituíam-se em uma perspectiva de educação integral, sob os aspectos físicos, morais e intelectuais e, como tal, poderiam contribuir para formar “um ser inteligente e um ser ativo”, já que, quando esse aluno tivesse estímulos para se expressar, assimilar e produzir frente a elementos - como os dos encartes pedagógicos - estaria sendo educado pelos sentidos, quando a atenção e o espírito de iniciativa estariam presentes (PEREIRA, 2010).

Tais ideias se mostram nas falas das professoras entrevistadas, pois como bem afirmam:

Professora 1 - Eu sempre adorei fazer contas e quando conheci os encartes, ou como algumas de nós chamávamos mural de aula, era maravilhoso. Não tínhamos muitos recursos com imagens ou desenhos ou fotografias. Os murais enriqueciam a aula e com eles eu, às vezes, trabalhava várias aulas, pois pedia aos alunos para

escreverem sobre as imagens, desenhar ou reproduzir o que estava nos murais, resolver as contas que lá tinha (sic), imaginar e reproduzir o som dos animais que estavam desenhados e, com isso, acho que eles aprendiam muito. Lembro que eu tinha um planejamento de aula, mas com os murais a aula ficava muito mais animada e, muitas vezes, saí do previsto, mas os alunos aprendiam muito e gostavam do material, ajudavam a cuidar e quando chegava um novo mural, se não tinha mais lugar na parede para pendurar, me ajudavam a guardar com todo cuidado para ser usado de novo no outro ano.

Professora 4 - Lembro que cada encarte que chegava com a revista era uma festa entre nós professoras. Discutíamos como poderíamos usar em sala de aula e como fazer uma composição - hoje se chama redação - de forma que o aluno melhorasse a letra, escrevesse melhor, soubesse colocar os verbos, e dos encartes de Matemática fazíamos outras fichas para não cortar o material. A aula ficava animada. Os alunos, me parece, eram estimulados a pensar. Parece que as imagens despertavam neles interesse para perguntarem mais, aprenderem mais, e eu ficava muito feliz com isso. Até esquecia um pouco das muitas dificuldades que tínhamos na escola.

Professora 3 - Eu adorava o material que vinha nas revistas. Eram uns quadros grandes, bonitos, bem elaborados, dava gosto mostrar para as crianças. Alguns deles tinham coisas que as crianças não conheciam, como uma girafa, lembro bem. Isso me ajudou a fazer exercícios para exercitar a escrita da letra "g" e outras palavras que começassem por ela. Em Matemática, lembro que aproveitava para fixar o conteúdo, chamar a atenção para a ordem dos elementos e sempre me pareceu que o material era muito bem planejado por quem o fazia, pois meus alunos gostavam dos quadros e aprendiam mais quando eu os usava.

Professora 2 - Posso dizer que eram incríveis aqueles quadros. Eu tinha verdadeira adoração por eles e usava mesmo em aula e eles estimulavam meus alunos a criarem vinculações com elementos da sua vida, falar sobre elas e, com isso, eu os conhecia melhor. Lembro-me de uma aluna que num quadro de Matemática, onde relacionava fitas de cabelo e meninas, para fazer alguma associação, não lembro bem, me contou de como ela ajudava a mãe a arrumar as irmãs para irem à missa do domingo e para parecerem mais bonitas, não usavam em domingos seguidos, a mesma cor de fita no cabelo. Trocavam entre elas e para isso tinha que contar quantas tinham, dividir pelo número de domingos do mês e quantas cores tinham. Eram muitos cálculos, 'né', professora?, me perguntou toda orgulhosa, como se o quadro mural tivesse sido feito para ela. Era muito bom mesmo o material. Ruim era guardar após o uso, pois eles eram grandes e deixados dobrados, no ano seguinte, às vezes, rasgava nas dobras quando eram abertos. Mas mesmo assim acho que ensinei muito com eles.

Entendemos que tais depoimentos exemplificam a operacionalidade e a intencionalidade dos encartes pedagógicos como elementos em potencial, nas mãos das professoras, para ensinar melhor, estimular a leitura, promover discussões e aprendizagens sobre o que não era conhecido nas imagens. Compreendemos também que os mesmos, em Matemática, tinham a potencialidade de levar os alunos a perceberem, analisarem, abstraírem, fazerem comparações, intuírem a generalizações e sintetizarem, através das percepções despertadas pelo material.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fischer (2005) em seu trabalho atribui à sua obra o subtítulo de “histórias e discursos de um passado presente”. Foi exatamente essa impressão que tivemos ao conversar com professoras e professores sobre suas práticas e vivências no exercício da docência, sendo as quatro professoras primárias que ilustram este trabalho, personificação de memórias de outros tempos e espaços, mas que, quando buscadas nas lembranças e externalizadas em suas falas, pareciam reviver cada experiência, cada vivência, cada dificuldade, cada conquista, com uma força única a nos dar a impressão de que não falavam de um passado próximo, mas sim de um presente muito consistente em suas recordações.

As quatro professoras entrevistadas, quando de suas falas sobre o exercício de suas docências, tornavam-se diferentes; eram mais incisivas, firmes na entonação de voz, certas do que estava dizendo. Há nelas um brilho no olhar impossível de se traduzir em palavras. Víamos o olhar brilhar. Reviver o passado era como se sobre elas soprasse um vento tão nostálgico quanto embriagador, de forma que suas falas eram de uma intensidade de descrições impressionante, a ponto de que também nós, que não vivenciamos o momento temporal descrito pelas narrativas, pudéssemos fazer parte daquela vivência, tamanho o grau de emoção despertado nas entrevistadas.

Em seus testemunhos sobre recursos didáticos utilizados para o ensino de diferentes disciplinas, mas em especial a Matemática, emergiram referências à Revista do Ensino do Rio Grande do Sul. Tal periódico representava para as professoras em questão, principalmente por estarem no interior do estado, um contato com uma publicação a ocupar um espaço vazio que julgavam ter em suas formações, “de natureza muito teórica e pouco prática”¹¹, de como fazer, de como ensinar. Viam na RE/RS um espaço de informações, também teóricas, mas muito mais de vinculações com a possibilidade de realizar efetivas ações junto aos alunos de forma a levá-los a “uma aprendizagem prazerosa e de qualidade.”¹²

No caso da RE/RS, as suas capas e seus encartes pedagógicos, presentes nas falas das professoras entrevistadas, conseguiram nos levar a uma percepção do possível alcance de tais recursos usados pela publicação, já que simplesmente uma análise do material talvez não conseguisse dar uma maior dimensão disso e o desdobramento de tais recursos didáticos em sala de aula.

Os dois recursos aqui destacados, e sobre eles anteriormente discutidos, ilustram a abrangência de uma publicação. Esboçam a importância de se oferecer aos professores materiais com potencial didático de qualidade, mesmo que, no caso das capas da RE/RS não fosse esta a intenção. Da mesma forma pontua que com sugestões pertinentes, mas não limitantes, como o caso dos encartes pedagógicos, onde a criatividade dos docentes desencadearam ações educativas, estas evidenciaram sucesso no processo de ensinar e estímulo nos alunos em aprender.

Compreendemos também que o número pequeno de professoras entrevistadas não nos dão elementos para uma generalização do efetivo potencial didático que as capas e os encartes pedagógicos suscitaram nas professoras que se utilizavam da RE/RS em suas aulas, mas abre o precedente para a continuidade da pesquisa sobre o tema, bem como o estímulo em se continuar tendo este periódico como referência para outros trabalhos.

11 Expressão mais de uma vez presente no corpo das entrevistas das professoras.

12 Expressão usada de forma recorrente nas falas das entrevistadas ao longo de seus depoimentos.

REFERÊNCIAS

- BASTOS, M. H.C.; FARIA FILHO, L. M. (Org.). **A escola elementar no século XIX: o método monitorial/mútuo**. Passo Fundo: Ediupf, 1999.
- BASTOS, M. H. C. **A educação do homem** - Friedrech W. A. Froebel. Passo Fundo, UPF, 2001.
- BASTOS, M. H. C.; LEMOS, E. A.; BUSNELO, F. A pedagogia da ilustração: uma face do impresso. In: BENCONTTA, M. L. (Org.) **Culturas escolares, saberes e práticas educativas**. Itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007. p. 41-78
- CATANI, D. B.; BASTOS, M. H. C. (Org.). **Educação em Revista: a imprensa periódica e a história da educação**. São Paulo: Escrituras, 1997.
- DAVID, P. **História Oral: metodologia do diálogo**. Revista Patrimônio e Memória. n. 1. v. 9. 2013. São Paulo: Unesp, p. 157-170.
- FABRIS, A. A invenção da fotografia: repercussões sociais. In: FABRIS, A. (Org.). **Fotografia: usos e funções no século XIX**. São Paulo: Edusp, 1998, p. 11-37.
- FERNANDES, A.L.C. **O impresso e a circulação de saberes pedagógicos: apontamentos sobre a imprensa pedagógica a história da educação**. In: MAGALDI, A. M. B. M.;
- XAVIER, L. N. **Impressos e história da educação: uso e destinos**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008, p. 15-29.
- FISCHER, B. D. **Professoras: histórias e discursos de um passado presente**. Pelotas: Seiva, 2005.
- LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, M. D. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 443-481.
- MONTESSORI, M. **Coleção memória da pedagógica**. PINTO, M. C. (editor). Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Segmento - Duetto, 2005.
- PEREIRA, L. H. F. **Os discursos sobre a matemática publicados na Revista do Ensino do Rio Grande do Sul - (1951 - 1978)**. Tese (Doutorado em Educação) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- QUADROS, C. **Reforma, ciência e profissionalização da educação: o Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais do Rio Grande do Sul**. Tese. (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.
- REZENDE, E. **História oral: o que é? Para que serve? Como se faz?** Disponível em: <https://bit.ly/2PSP8ua>. Acesso em: 10 mar. 2019.
- SOUZA, S. E. O uso de recursos didáticos no ensino escolar. In: **I Encontro de Pesquisa em Educação, IV Jornada de Prática de Ensino, XIII Semana de Pedagogia da UEM: "Infância e Práticas Educativas"**. Arq Mudi. 2007. Disponível em: http://www.pec.uem.br/pec_uem/revistas/arqmudi/volume_11/suplemento_02/artigos/019.pdf. Acesso em: 12 mar. 2019.

NÓVOA, A. **A imprensa de Educação e Ensino** - Repertório Analítico (séculos XIX - XX). Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1993.

VILLANOVA, C. No mundo das normalistas: as representações da futura professora nas páginas das revistas Instituto e Normalista. In: **Impressos e história da educação: usos e destinos**. MAGALDI, A.M.B.M; XAVIER, L.N.(Orgs.). Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008, p. 73- 95.

RECEBIDO EM: 30 jun.2019

CONCLUÍDO EM: 27 out. 2019